

O Livro Grande de Tebas Navio e Mariana

Mário de Carvalho

«Há países, há rostos. Prefere-se onde mais se nasce e a nenhuma radícula profunda é denegada a avidez, a afloração trémula do solo próprio e ignoto. Reconhecê-lo-ás pela variância surpreendente, mais alto, das corolas, olhos perecíveis.»

Maria Velho da Costa

(Da Rosa Fixa)

«Que devassados os mares todos são interiores, qual este profuso petalado ponto de partidas.»

Maria Velho da Costa

(Da Rosa Fixa)

Índice

Antelóquio (Manuel Frias Martins)	13
TEBAS	
A minha abalada de Kingston	27
Um avião em transe	31
No mar dos Sargaços a bordo do <i>Maria Speranza</i>	38
A assombração	38
Marinheiro de quarto	52
Piloto que se recolhe	53
Segundo piloto ao leme	54
Eu (I)	54
Comandante (I)	56
Eu (II)	57
Comandante (II)	58
Eu (III) que tenho a última palavra	59
Lição do velho marinheiro sabedor	60
Naufrágio do <i>Maria Speranza</i>	62
Salim Mussa, arrais e contador de histórias	66
Conto do burro de Gottenheld	72
Conto do rume Demóstenes	74

Conto da rainha enferma	77
O ataque. A perseguição. A despedida.	
Aqui ninguém morre!	85
Na Síria	90
O levantino Patrákios e o seu bando	
de ribaldos em Rodes	94
A cidade da verdade de Patrákios	103
Na Síria de novo. Um estupendo autocarro	109
Um velho, uma ínsua, uma palmeira. Desencontro.	
(Quatro parábolas e dois conselhos)	126
O bosque dos pavões e o mar das estátuas	139
A canção dos marinheiros	146
Oh, Tebas	148
NAVIO	
O navio	159
O imediato	161
O capitão	163
Ai, o capitão	167
A guerra religiosa	170
Conversação filosófica, de frases lapidares,	
em que se demonstra como é importante	
o que não o parece	172
As mensagens nocturnas	176
O cruzador Graf von Hollenstein	180
As masmorras dos mágicos e a cripta funerária	183
A expedição ao interior do navio	187
O destino dos oficiais daquele navio	201
Quem pode perguntar a quem e o que me ocorreu	203

O mujique sonhador	208
Inquietações de um jovem advogado	214
O que diziam os olhos do morto	216
«Venho da ilha dos Vidros / da terra dos diamantes...»	
— o que eu ouvi numa velha baleeira	225
O desembarque. Fala-se de Zgluts	230
MARIANA	
Magda	237
Fala de Magda	255
Mariana	258
— I	258
— II	260
— III	264
— IV	269
— V	270
— VI	274
— VII	278
— VIII	280
— IX	282
— X	285
Conclusão e retorno	291
Obras de Mário de Carvalho	295

TEBAS

A minha abalada de Kingston

Lembro agradado aquele meu trabalho na fresca livraria do convento de Saint-Saëns, entremeio das florestas luminoverdes da Jamaica.

Eu quotidiano me sentava numa carteira alta, de pau-preto, entre rimas de in-fólios e resmas de velhos manuscritos tisnados, e embebia-me no enigma dos trémulos sinos submersos de Port-Royal, a desaparecida.

Certa manhã, chegou-me um chamamento de algures, vibrado nas folhas de tabaco, rumorejado nas copas dos cacaueiros, sorrido pelo tosco vitral que desdobra a luz em cores, a meu lado esquerdo, por cima do poial em que pouso a infusa de água, dando-me o momento de partir.

De forma que lá estarão hoje, à espera de São Nunca, arrefecendo sobre o tampo puído, de manhãzinha espanejadas por alegre pequeno monge mestiço, as minhas mil e tantas páginas de notas, os grossos volumes à margem glosados, os mil manuscritos encardidos, já meio decifrados e comentados.

É que eu saturado me sabia de livros e de certidões e de documentos de papel e de pergaminho e de pedra, devassados

numa rotina que apenas perfazia um labor que encomendado me tinham.

Era agora como se me houvesse uma pátria desimpedida, disponível, a que eu poderia chamar *a* Pátria.

Fiz então minhas trouxas e despedidas, montei um daqueles póneis brancos da Jamaica e cavalguei por carreiras poeirentas, entre campos de algodão. Chouta que trota, chouta que trota, chouta que trota...

Nas curvas do caminho, vinham saudar-me corsários flamengos, com suas casacas de alamares garridas, agitando lenços de renda, e bucaneiros hirsutos disparavam ao ar seus arcabuzes. Grupos de negros sorriam-me, aqui e além, tocando música para mim, em ferrugentos bidões de gasolina, cortados.

Em poucos dias, vi-me a flunar pelo aeroporto de Kingston, enquanto me preparavam o avião para a descolagem.

Estes aeroportos da Jamaica são verdes e amarelos, e nisto lembram bem o Brasil. Em torno, levanta-se sempre a grande grita dolente das miríades de pássaros encobertos que se acoitam nas florestas virgens, em alguns momentos abafada do bramir de aviões que pousam e levantam.

Mas os aviões que aqui se patenteiam não são os mesmos das outras bandas. Nestas paragens, o avião é ainda zoomorfo, guarda quinta-essência de animal. É aventesma, avejão, passarola, passarão, pássaro de aço, como se parido de piroga grande / galeão e cavalo-de-ferro / vapor.

Noutros portos, desce como tubo vibrador, cromado, lucente aos sóis, ou como fuso baço de aço, desembutido das névoas, ou como suave cruzeiro planando por entre os azuis húmidos.

Aqui ainda se o irmana com aves de garridas cores, povoadoras de todas as palmeiras, cada qual portadora de seu preságio e depositária de muito conto.

Do quente aeroporto me vou, pois, em voo de avião.

Ora a minha rua, breve a rever, antes tangida do dobre brônzeo verdilento de sinos e corrida de ventos frios, as velhas paredes ressumadas de gotículas de orvalho, sobre a húmida fuligem, de noite candeiros de halos amaréleos, mortiços de luz iluminada só a si, as portas ao rés da calçada cerradas, abafados os sussurros das famílias encerradas, a murmurar, baixo que baixo, junto às lareiras, estrito calor.

Ora a minha rua das ruas, a rever, plena agora do ruge-ruge das gentes idas e vindas, revolvidas no sol que é umas vezes azul, outras verde, e outras fulvo, e que tudo aquece a fundo, e que ressecou humidades e ensina os garotos a correr nus, e faz explodir sardinheiras cor nas sacadas, e anula os sinais lígubres da torre da Sé, embalando em flocos de luz o tilintar das trinta e cinco guitarras nas soleiras trinadas.

Ora a minha casa conforto na rua antes fria antes séria, com sala de tectos lavrados e livrarias amplas, os meus vagarosos poemas de alabastro ainda por acabar, as minhas escondidas telas de óleo atrás de prateleiras sepultadas, o meu manso gato do telhado já cego e morto da idade, as minhas alcatifas espessas que chegou o tempo de levantar-lhes o pó cínzeo, as minhas janelas largas, de guilhotina, que se abram ou se lhes partam os vidros, oferecidos ao sol os móveis de antanho e o podre bafio de antes, revoltas e sumidas as partículas de ressequidos ectoplasmas outrora moradores comigo.

Ora pressinto que se desfaçam as redes-grades do orfanato azul-azulejo ali antes e sempre presente frente a mim, a sombra soturna de freira estrangeira passando a afastar da janela a moça guardada e a apagar-lhe o princípio de sorrir com seus gestos feios de pétreas mãos aduncas gelo pardo.

Ora a total lembrança das origens de mim, e este cavaleiro e aquela pastora, e este peão e aquela moura, o mesquinho tredo e o audaz capitão, o navegante coberto de sal e o alfaiate bisonho, e este trovador e aquele jogral, o rei cru do povo feliz, o rei brando de um povo coitado, o probo e recto homem-bom e o juiz das duas cabeças, os castelos que se entregaram, os castelos que se guardaram, o arcebispo austero e grave e o operário sonhador, o matamouros tomador das Índias e o pequeno pirata insidioso, o rei sábio e implacável, e o pobre príncipe morto, tão moço e tonto, as pelejas que se ganharam e a definitiva batalha perdida, o resistente massacrado, os bufos soezes e beleguins, os familiares da Inquisição, o nobre falso ao de lá e o chammorro firme de lança em riste, o emigrante acanhado e o soldado a cumprir sinas, o parlamentar prolixo e aquele certo tanoeiro que puxou da espada um dia...

Ora uma vívida aguarela de tudo, ocultando ainda a dança dos negros avejões que planeiam ameaçar, de suas furnas reinauguradas.

Ora, minha terra a reviver. Ora, pois, então. Lisboa.